

## Homilia 4º Domingo da Páscoa – Ano C – O Bom Pastor

Queridos irmãos e irmãs, o 4º Domingo do Tempo Pascal é considerado o “Domingo do Bom Pastor”, pois todos os anos a liturgia propõe um trecho do capítulo 10 do Evangelho segundo São João, no qual Jesus é apresentado como Bom Pastor. É, portanto, este o tema central que a Palavra de Deus hoje nos propõe, que irá nos convidar a meditar a misericórdia e ternura de nosso Salvador, para que reconhecamos os direitos que Ele adquiriu sobre cada um de nós com a sua morte. A Escuta da Palavra e sua vivência será também a abordagem de nossa Liturgia.

A 1ª leitura extraída dos Atos dos Apóstolos propõe-nos duas atitudes diferentes diante da proposta que o Pastor (Cristo) nos apresenta. De um lado, estão essas “ovelhas” cheias de autossuficiência, satisfeitas e comodamente instaladas nas suas certezas; de outro, estão outras ovelhas, permanentemente atentas à voz do Pastor, que estão dispostas a arriscar segui-LO até às pastagens da vida abundante. É esta última atitude que nos é proposta. Esta leitura se insere no tema universalista de Lucas e marca uma mudança decisiva na vida apostólica de Paulo: a abertura definitiva aos pagãos. Explicando-nos os motivos dessa mudança, o autor dos Atos dos Apóstolos acentua o contraste com os judeus, suscitado por seu ciúme e inveja, pois a aceitação indiscriminada dos pagãos, somente na base da fé e não da lei, faz cair todo privilégio nacionalista. Paulo aplica a si o que diz o profeta Isaías 49,6 do Servo: (Ele diz: “É bem poucos seres o meu servo só para restaurar as tribos de Jacó, só para trazer de volta os israelitas que escaparam, quero fazer de ti uma luz para as nações, para que a minha salvação chegue até os confins da terra”), demonstra como toda destruição das barreiras nacionais ou raciais entra no plano salvífico de Deus. O verdadeiro universalismo exige renúncia a qualquer privilégio. Os judeus, a quem primeiro os apóstolos se dirigiram, não acolheram o ensinamento, porque ficaram tomados de inveja quando viram a multidão que os ouvia anunciar. Diante da rejeição, os apóstolos se dirigem aos pagãos, que acolhem

sua mensagem com muita alegria. Do anúncio de salvação em Cristo, testemunhado por Paulo e Barnabé, decorrem duas posturas: rejeição por parte dos judeus e alegre acolhida por parte dos gentios. Os que acolhem são aqueles que ouvem a Palavra de Deus, reconhecem a “voz” do pastor na palavra pregada.

Em nosso Evangelho de hoje, temos a leitura da continuação do tema “Jesus, bom pastor” (conforme liturgia dos anos A e B) e procura indicar o escopo da ação amorosa (conheço) de Cristo para com seus discípulos, aqui definidos como aqueles que ouvem. As palavras de Jesus infundem a segurança de que, tanto quanto depender dele, os seus discípulos certamente alcançarão a salvação, e ninguém poderá tirá-las deles.

O texto então nos propõe a relação estabelecida entre o Pastor (Cristo) e as ovelhas (os discípulos). A missão desse Pastor é dar a vida às ovelhas. Ao longo do Evangelho, João descreve precisamente a ação de Jesus como uma recriação para revivificar o homem, no sentido de fazer nascer o Homem Novo, o homem da vida em plenitude, o homem total, o homem que seguindo Jesus se torna “filho de Deus” e que é capaz de oferecer a vida por amor. Os que aceitam a proposta de vida que Jesus lhes faz, não se perderão nunca, pois a qualidade de vida que Jesus lhes comunica supera a própria morte. O próprio Jesus está disposto a defender os seus, até dar a própria vida por eles, afim de que nada, nem ninguém (aqueles dirigentes que estão interessados em perpetuar mecanismos de egoísmo, de injustiças, de escravidão) possam privar os discípulos dessa vida plena.

As ovelhas (os discípulos), por sua vez têm de escutar a voz do Pastor e segui-Lo. Isto significa que fazer parte do rebanho de Jesus é aderir a Ele, escutar suas propostas, comprometer-se com Ele e, com Ele entregar-se sem reservas numa vida de amor e doação ao Pai e aos irmãos.

O texto do Evangelho termina mostrando a relação íntima de Jesus com o Pai – as obras do Filho revelam a vontade do Pai, porque Eles constituem uma unidade. A identificação plena do projeto do Pai e do projeto de Jesus é fazer nascer uma nova humanidade. Em Jesus

está presente e manifesta-se o plano salvador do Pai, de dar uma vida plena ao homem através da ação de Jesus. Por isso, como já citei quem escuta e adere à proposta de vida de Jesus não se perderá porque pertencem a Jesus.

Na 2ª leitura do Livro do Apocalipse, João viu uma multidão incontável, de todas as etnias, diante do trono do Cordeiro. Eles traziam nas mãos palmas, que evocam as que eram usadas na liturgia judaica da Festa das Tendias (Lv 23,40) para louvar o Deus de Israel. A Festa das Tendias fazia alusão à marcha do Povo de Deus pelo deserto, desde a terra da escravidão até à terra da liberdade. A referência a esta festa neste contexto significa que se cumpre agora o novo e definitivo êxodo depois da intervenção final de Deus na história, a multidão dos que aderiram ao “Cordeiro” e acolheram a sua proposta de salvação, alcançaram a libertação definitiva, foram acolhidos na Tenda de Deus, aonde não os alcançara mais a morte.

As vestes brancas, alvejadas no sangue do Cordeiro, significam que os mártires permaneceram puros e não se deixaram contaminar, seja pela idolatria, seja pela apostasia, e por isso sofreram a morte. Por causa de sua fidelidade agora estão diante do trono do Cordeiro vitorioso, realizando uma liturgia celeste.

Como refletimos no Evangelho, esses são as ovelhas que escutaram e seguiram o Bom Pastor e, pertencem ao Pastor. Agora não terão mais fome, porque lhes foi dado o fruto da árvore da vida. Não sentirão mais sede, pois o Cordeiro Pastor os conduz às fontes de água viva. As dores e os sofrimentos não terão a última palavra, e não será a realidade última do ser humano. “Deus enxugará todas as lágrimas...”.

Como lemos hoje na 2ª leitura do ofício de Vigílias, “das homilias de São Gregório Magno, Papa quando refletia sobre o texto de João, “Minhas ovelhas escutam a minha voz, Eu as conheço e elas me seguem”. É o Pastor que nos conduz a verdes pastagens, pois quem o segue na simplicidade de coração é nutrido por pastagens sempre verdes. Quais são afinal as pastagens dessas ovelhas, senão as profundas alegrias de um paraíso sempre verdejante? Sim, o alimento dos eleitos é o rosto de Deus, sempre presente. Ao contemplá-lo sem

cessar, a alma sacia-se eternamente com o alimento da vida”. E São Gregório continuará dizendo: “há duas maneiras de conhecer as ovelhas: pela fé e pelo amor, pela inteligência iluminada pela fé e pelo coração aquecido pela caridade”.

É o que refletimos na leitura do Apocalipse: Aqueles que alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro, agora contemplam eternamente a face de Deus.

Queridos irmãos e irmãs, que a liturgia deste domingo, nos ajude e nos leve a Escutar e seguir o Bom Pastor, deixar que Ele nos guie nos caminhos para Deus. Que possamos aderir ao Projeto de Deus e sermos testemunhas sem medo do Evangelho anunciado por Jesus. Como Paulo, tenhamos sempre a coragem de defender e anunciar esse Evangelho a todos, mesmo diante das perseguições e nunca desistirmos, pois o Bom Pastor não desistiu de nós. E assim conduzidos por Ele e quando chegar nossa hora, a hora do nosso grande retorno, que possamos também estar diante de Deus e contemplar sua face, como aqueles que alvejaram suas vestes no sangue do Cordeiro.



ASSIM SEJA, AMÉM.